

Menos luz do Sol chega à Terra

O pôr-do-sol não é mais o mesmo. Desde 2000 menos luz do Sol chega à superfície da Terra, mas paradoxalmente essa redução não está esfriando o planeta. Philip Goode, com sua equipe do Instituto de Tecnologia de Nova Jersey, Estados Unidos, depois de medir a quantidade de luz solar que foi re-

fletida pela atmosfera terrestre, bateu na Lua e voltou, descobriu que a Terra está refletindo 3% mais luz do Sol que entre 1985 e 2000 (*Newscientist*, 28 de janeiro). Poderia ser um efeito causado por uma maior cobertura de nuvens, que de fato aumentou. No entanto, a temperatura global está

subindo. Como entender? A explicação pode ser a reorganização da cobertura de nuvens nos últimos anos: está aumentando a proporção de nuvens mais altas em relação às mais baixas. Nuvens mais baixas ajudam a resfriar a Terra, refletindo a luz; as mais altas atuam como um cobertor, retendo

calor. Ou seja, há mais nuvens e o tipo mudou. Por isso o planeta esquenta mesmo com menos luz. Para Goode, essas constatações reforçam a idéia de que as mudanças climáticas são sutis e o que parece óbvio – incidência menor de luz e resfriamento do planeta – nem sempre está certo. •

■ Mais gelo para o mar

Nas proximidades da Groenlândia a temperatura do ar subiu de 2 a 3 graus nos últimos anos. Foi o bastante para intensificar o degelo. Em um estudo publicado na *Science*, pesquisadores da Nasa, sob a coordenação de Eric Rignot, demonstram que o volume de gelo das regiões costeiras da Groenlândia lançado ao Atlântico mais que dobrou na última década: passou de 90 quilômetros cúbicos em 1996 para 220 quilômetros cúbicos em 2005. É muito mais do que se esperava. As conclusões sugerem também que pode ser maior que o previsto a contribuição da Groenlândia para o aumento do nível dos oceanos – da ordem de 3 milímetros por ano. •

■ As magrelas e a imagem feminina

As modelos que de tão magras parece que vão quebrar têm sido acusadas de personificar padrões irreais de beleza e de reduzir a auto-estima feminina, como se outras mulheres pudessem apenas sonhar em ser tão esbeltas. No

entanto, de acordo com um estudo publicado este mês no *Journal of Consumer Research*, olhar para modelos moderadamente magras ou extremamente pesadas não causa necessariamente um impacto negativo sobre a auto-estima das mulheres, digamos, normais, que podem até se sentir valorizadas e ganhar uma no-

ção mais clara – e tranquila – do próprio peso. As mulheres podem, sim, sentir-se com a auto-imagem arrasada quando observam as modelos supermagrelas ou as moderadamente encorpadas, que as fazem se lembrar de quão acima do peso elas mesmas se sentem. •

■ Siga o dinheiro e entenda os vírus

Para prever como podem se propagar epidemias como a gripe aviária que chegou à Europa, pesquisadores alemães e norte-americanos trataram de entender como as pessoas viajam – porque é assim que levam vírus e bactérias de um lugar a outro. Mas, em vez de listar as distâncias percorridas e a frequência com que usam carros, trens ou



Iceberg à deriva: calor acelera degelo da Groenlândia

NOAA

EDUARDO CÉSAR

aviões, adotaram um enfoque diferente. Por meio de uma página na internet, a equipe coordenada por Dirk Brockmann, do Instituto Max Planck de Dinâmica e Auto-Organização, em Göttingen, Alemanha, acompanhou o percurso de 500 mil notas previamente marcadas por milhares de quilômetros nos Estados Unidos. De modo geral, em duas semanas metade das notas permanecia no próprio estado em que foram registradas pela primeira vez e 7% viajavam pelo menos 600 quilômetros. Analogamente, poucas pessoas viajam grandes distâncias. Esse estudo, publicado na *Nature*, permitiu aos pesquisadores elaborar equações descrevendo a probabilidade de as pessoas viajarem distâncias maiores ou menores e disseminarem doenças. Na Idade Média as pestes se espalhavam lentamente porque as pessoas viajavam poucos quilômetros por dia, a pé ou a cavalo. •



LAURABEATRIZ



SIENA, BIBLIOTECA NAZIONALE

A cavalo: *La triomphe de la mort*, de Giovanni di Paolo

■ Cidades com telhados brancos

Em consequência do excesso de prédios, megalópoles como Nova York e São Paulo formam ilhas de calor, mais quentes que as regiões vizinhas. O problema é que o ar mais quente pode afetar a saúde, além de aumentar o consumo de energia. Duas medidas bastante simples ajudam a diluir as ilhas de calor. De acordo com um estudo da Nasa, a agência espacial norte-americana, plantar mais árvores é a melhor forma de reduzir a temperatura. Outra medida que se mostrou efetiva é pintar os telhados de branco ou de cores brilhantes. Desse modo, a cobertura das casas e dos edifícios vai refletir a luz do Sol e, portanto, o calor. “Precisamos ajudar os administradores públicos a encontrar os modos mais eficazes de reduzir o efeito das ilhas de calor em Nova York”, comentou Stuart Gaffin, pesquisador da Universidade de Colúmbia, Estados Unidos, e co-autor do estudo da Nasa, que comparou os métodos propostos por cientistas, gestores públicos e ambientalistas. Caso contrário, lembrou, a qualidade do ar só vai piorar, já que as cidades estão se tornando mais populosas e povoadas. •

■ Antigas crenças por água abaixo

Doses extras diárias de cálcio e vitamina D pouco podem fazer para evitar as fraturas

causadas pela osteoporose, segundo estudo realizado nos Estados Unidos com 38.282 mulheres saudáveis com 50 a 79 anos. Os resultados contradizem as expectativas e questionam as recomendações de saúde para a população. O único efeito positivo foi um aumento de 1% na densidade óssea do quadril. O estudo faz parte do Women’s Health Initiative, o mesmo projeto que, também no mês passado, divulgou outro estudo, mostrando que dietas com pouca gordura não protegem contra doenças cardíacas nem contra os cânceres de mama e colo-retal. •

Casamentos em perigo



LAURABEATRIZ

O marido ronca, a mulher reclama e o empurra, ambos acordam mal-humorados – e o casamento segue ladeira abaixo. Casais que lutam contra a apnéia do sono – falta de ar por fechamento das vias respiratórias – se divorciam mais que os que dormem bem, segundo Rosalind Cartwright, coordenadora do Centro dos Distúrbios do Sono da Universidade Rush, Estados Unidos. Em um estudo com dez casais, sua equipe mostrou que a

mulher pode perder horas de sono por causa do ronco do marido e que surge um clima hostil se ambos dormem menos do que gostariam. Com olheiras, marido e mulher mostravam-se insatisfeitos com o casamento, principalmente se não conseguiam dialogar sobre o tormento dos ruídos noturnos. Quando os homens com apnéia passaram a dormir melhor, o sono das esposas melhorou e o casamento voltou a ser algo bom. •